

A

ESTRUTURA DE VALORES: SUA ESTABILIDADE PARA ALÉM DE INSTRUMENTOS, TEORIAS, IDADE E CULTURAS¹

THE STRUCTURE OF VALUES: ITS STABILITY ACROSS INSTRUMENTS,
THEORIES, AGE, AND CULTURES

WOLFGANG BILSKY

*Doutor habilitado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia da
Universidade de Freiburg – Alemanha.
Professor titular do Psychologisches Institut IV da
Westfälische Wilhelms-Universität.
Fliednerstrasse 21, Münster – Germany – CEP 48149
E-mail: bilsky@uni-muenster.de*

¹ O presente artigo originou-se de uma estada do autor como professor visitante na Universidade Mackenzie, São Paulo, em 2008. O autor é muito grato à professora Sílvia Marcia Russi De Domenico, por ajudar na revisão do texto.

RESUMO

Na literatura científica, existe somente concordância parcial sobre como definir e medir valores. Por isso, não se podem simplesmente comparar os resultados de investigação, e, por sua vez, os leitores não sabem se, e até que ponto, tais resultados podem ser generalizados. Por essa razão necessita-se de uma abordagem teoricamente sólida e empiricamente comprovada que possa servir de ponto de referência para comparar e integrar os resultados de pesquisa. Neste artigo, parte-se do pressuposto de que a teoria de Schwartz (1992) sobre o conteúdo e a estrutura de valores pode desempenhar esta função.

PALAVRAS-CHAVE

Estrutura de valores; Escalonamento multidimensional (EMD); Estabilidade estrutural; Teoria de valores de Schwartz; Comparações interculturais.

ABSTRACT

There exists only partial agreement in the scientific literature about how to define values. Consequently, it is difficult to compare research results from different investigations, and the reader does not know whether and to what extent he may generalize the respective findings. Hence there is a need for a theoretically sound and empirically tested approach which may serve as a frame of reference for comparing and integrating research results. This article starts from the assumption that Schwartz (1992) theory about the content and structure of values can serve this function.

KEYWORDS

Values structure; Multidimensional scaling (MDS); Structural stability; Schwartz values theory; Cross-cultural comparisons.

1 INTRODUÇÃO

A mudança, o pluralismo ou ainda o declínio dos valores são temas centrais consolidados na discussão cotidiana. Nas ciências, diversas disciplinas ocupam-se desses temas e de temas afins, como antropologia cultural, economia política, sociologia e psicologia. No entanto, o diálogo intra e interdisciplinar é consideravelmente complicado em razão de uma terminologia parcialmente dissonante. Além disso, fica em aberto como lidar com o plural “valores”: enquanto o conjunto de todos os valores pareça indistinto e mal definido, fica difícil avaliar a importância relativa de um valor peculiar. Houve diversos esforços no passado a fim de clarificar esse assunto por meio de análises estruturais. Nesse contexto, a teoria de Schwartz (1992) vem assumindo cada vez mais impacto sobre a discussão interdisciplinar.

Este artigo visa mostrar que a abordagem estrutural dos valores individuais e sociais de Schwartz oferece um quadro efetivo para comparar e integrar os resultados de uma diversidade de pesquisas empíricas. Inicia-se com informações sobre a investigação de valores em geral e sobre a teoria de Schwartz, em particular. Em seguida, traz uma reflexão sobre a estabilidade da estrutura de valores, adotando diversas perspectivas. Na primeira delas, considera-se a independência estrutural de valores dos diversos instrumentos empregados em sua medição. Depois, discutem-se exemplos sobre concordâncias empíricas e conceituais entre a teoria de Schwartz e algumas abordagens alternativas, mais especificamente aquelas de Allport e Vernon (1931), Morris (1956) e O’Reilly III, Chatman e Caldwell (1991). Mostra-se que as dimensões básicas do modelo de Schwartz oferecem uma estrutura adequada para representar, comparar e integrar resultados de origem conceitualmente diferentes. Finalmente, pormenorizam-se alguns estudos que investigam a idade e a cultura como potenciais impactos na estrutura dos valores.

2 OS PRINCÍPIOS E O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE VALORES

A investigação científica de valores tem uma tradição quase centenária (URBAN, 1907). Depois de uma discussão inicial essencialmente filosófica (MÜNSTERBERG, 1908, 1909), a pesquisa científica de valores recebeu importantes impulsos mediante a publicação de *A study of values* [Um estudo de valores] de Allport e Vernon (1931). Esses autores desenvolveram um instrumento para medir preferências individuais em relação a 6 tipos de valores, deduzidos dos “tipos básicos ideais” da individualidade definidos por Spranger (1925). Tais tipos ideais são atemporais. Eles existem, conforme esse autor, porque o indiví-

duo acentua uma direção distinta de sentido e de valor na sua estrutura valorativa individual (SPRANGER, 1925). Spranger diferencia nesse contexto entre o homem teórico, econômico, estético, social, religioso e o homem de poder.

A partir dessa, surgiram, então, outras abordagens que possibilitaram medir empiricamente os valores individuais. A essas pertence, por exemplo, a de Morris (1956). Ele desenvolveu, no início, sete “Caminhos da vida”, tendo como base três componentes considerados básicos: budista, dionisíaco e prometeico. Esses se operacionalizaram por meio de descrições concisas, contendo cada uma cerca de cem palavras. Na verdade, essa abordagem teoricamente elaborada mostrou-se demasiado restrita quando aplicada a estudos empíricos. Por isso, Morris ampliou-a, definindo seis caminhos suplementares. O total de treze caminhos era, então, apresentado aos entrevistados, pedindo-lhes valorar a importância de cada um em uma combinação de ordenamento (*ranking*) e avaliação (*rating*).

No terceiro terço do século XX, assinalou-se um crescimento de estudos empíricos não só na psicologia, mas também em outras disciplinas como a sociologia e a economia política (cf. KLAGES; KMIĘCIAK, 1979). É muito provável que diferentes fatores contribuíram para esse desenvolvimento além do espírito da época, sobretudo um progresso considerável na informática e na análise de dados e a disponibilidade de instrumentos flexíveis. Nesse contexto, necessita-se mencionar o trabalho de Rokeach (1973) que desenvolveu o *Rokeach Value Survey* (RVS), um instrumento universal e econômico que compreende duas listas de 18 valores cada – instrumentais e terminais. A tarefa do respondente é ordenar cada uma das listas conforme a importância de cada valor como guia na sua vida. Diferentemente de Allport e Vernon (1931) e Morris (1956), Rokeach (1973) não partiu de uma abordagem teórica na construção de seu instrumento, mas de um conjunto de suposições plausíveis, mais ou menos independentes.

De fato, houve vários pesquisadores depois dele que influenciaram e avançaram consideravelmente nas investigações sobre valores, tanto na psicologia social como em outras ciências sociais. Devem-se mencionar nesse contexto, por exemplo, Norman Feather, Geert Hofstede, Ronald Inglehart e Shalom Schwartz (cf. BRAITHWAITE; SCOTT, 1991; SELIGMAN; OLSON; ZANNA, 1996; ROHAN, 2000; HITLIN; PILIAVIN, 2004). Cada um deles influenciou individualmente e com vigor a pesquisa de valores. Com vistas à estrutura de valores, que é o foco deste artigo, a teoria de Schwartz parece especialmente interessante. Por isso, explica-se, a seguir, a sua abordagem com mais detalhe.

3 A TEORIA DE VALORES DE SCHWARTZ

Conforme Schwartz (1992; SCHWARTZ; BILSKY, 1987) e em sintonia com a bibliografia científica, valores são crenças e metas conscientes que guiam a

seleção e avaliação de ações, objetivos, pessoas e situações. Podem ser interpretados como construtos motivacionais que transcendem situações e ações específicas. Além disso, são ordenados pela importância relativa aos demais. Em relação ao conteúdo e à função, os valores representam respostas que indivíduos e sociedades devem dar a três exigências e tarefas universais: as necessidades dos indivíduos como organismos biológicos, as exigências da interação social coordenada e os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência da coletividade.

Em princípio, pode-se identificar grande número de valores mais ou menos diferentes. Por isso parece adequado e funcional agrupá-los em categorias. Conforme a definição esboçada anteriormente, destaca-se o conteúdo motivacional como critério para diferenciar tais categorias ou tipos de valores. No total, Schwartz (1992) distingue 10 tipos motivacionais de valor: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodeterminação, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança. O Quadro 1 mostra uma breve caracterização desses tipos.

QUADRO 1

VALORES HUMANOS – TIPOS MOTIVACIONAIS DE SCHWARTZ (1992)

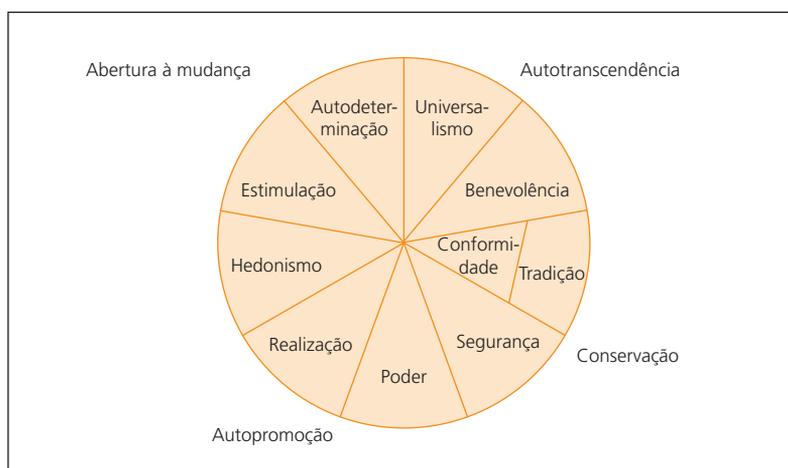
Poder	<i>status</i> social sobre as pessoas e recursos
Realização	sucesso pessoal mediante a demonstração de competência segundo critérios sociais
Hedonismo	prazer e senso de gratificação para consigo
Estimulação	entusiasmo, novidade e desafio na vida
Autodeterminação	pensamento independente e escolha da ação, criatividade e exploração
Universalismo	compreensão, apreciação, tolerância e proteção do bem-estar de todas as pessoas e da natureza
Benevolência	preservação e intensificação do bem-estar das pessoas com quem mantêm contatos pessoais frequentes
Tradição	respeito aos costumes e ideias providos pela cultura tradicional e pela religião, comprometimento com eles e sua aceitação
Conformidade	restrição das ações, inclinações e impulsos que podem perturbar e ferir os outros ou violar as expectativas e normas sociais
Segurança	segurança, harmonia e estabilidade, da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo

Fonte: Adaptado de Schwartz.

Schwartz, no entanto, não considerou os tipos motivacionais como categorias qualitativas independentes. Pelo contrário, destacou a dinâmica entre os tipos de valores que resulta das compatibilidades e incompatibilidades motivacionais entre eles. O total de relações de conflito e compatibilidade entre os tipos de valores resulta numa estrutura como a representada na Figura 1. Tal padrão motivacional pode caracterizar-se mais parcimoniosamente por meio de duas dimensões básicas bipolares. Schwartz (1992) designou-as como “abertura à mudança *versus* conservação” e “autotranscendência *versus* autopromoção” (ver SCHWARTZ (2006) para uma descrição mais detalhada).

FIGURA 1

MODELO ESTRUTURAL DOS VALORES HUMANOS



Fonte: Schwartz (1992).

4 A ESTABILIDADE DA ESTRUTURA DE VALORES

Para avaliar a validade de uma teoria, espera-se que seus pressupostos mostrem-se acertados, independentemente do método aplicado. Além disso, em relação aos critérios de parcimônia e versatilidade de uso, espera-se que a teoria possa explicar e integrar também os resultados que derivam de abordagens teóricas alternativas. Enfim, são a aplicabilidade e a utilidade que interessam na avaliação de uma teoria. Nesse sentido, ilustra-se em seguida a estabilidade da estrutura de valores como delineado por Schwartz para além de instrumentos, teorias, idade e culturas, empregando-se exemplos de nossas próprias investigações.

Uma desvantagem do SVS está no nível de abstração que, pressupõe-se, tenha o participante. Por isso, não se pode empregar o SVS em amostras intelectualmente muito heterogêneas. Em razão disso, Schwartz desenvolveu outra medida para investigar valores: o perfil de valores pessoais (SCHWARTZ et al., 2001).

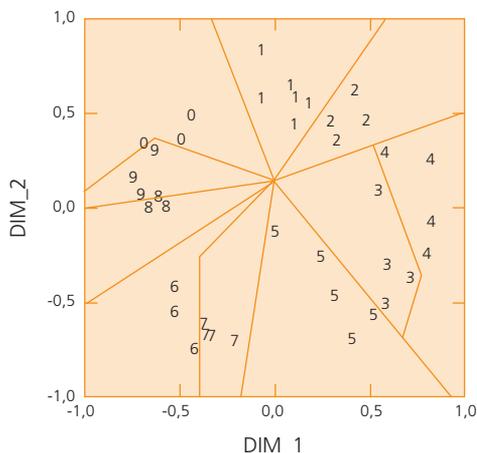
4.1.2 O perfil de valores pessoais (PVQ)

O PVQ é um instrumento no qual a tarefa do respondente é comparar-se com outras pessoas de mesmo sexo. Essas pessoas são descritas mediante breves vinhetas, enfatizando-se cada vez uma orientação valorativa particular nos termos da teoria de Schwartz. Um exemplo de item do inventário relativo à operacionalização do tipo motivacional “autodeterminação” é: “Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer coisas de maneira própria e original”. Para compararem-se com essa pessoa, os respondentes utilizam uma escala de seis graus, estendendo-se de “Parece-se muito comigo” a “Não se parece nada comigo”.

Existem várias versões do PVQ, as mais recentes abrangendo 40 (versão regular) e 21 (versão breve) itens, respectivamente. Mais recentemente, tem-se também aplicado esse instrumento em um grande número de estudos internacionais. O exemplo seguinte (ver Figura 3) resultou de uma investigação realizada em 2005 com estudantes da Universidade de Münster (N = 363). Para a coleta dos dados, aplicou-se a versão regular do PVQ 40. A análise da estrutura foi realizada por SPSS-Proxscal, que permite definir configurações iniciais, baseadas na teoria de Schwartz, para efetuar uma EMD confirmatória (BILSKY; GOLLAN; DÖRING, 2008). Em favor da clareza da representação, reproduzem-se os 40 itens do PVQ na Figura 3 somente pelos tipos correspondentes de valores.

FIGURA 3

ANÁLISE DE ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL (EMD) NÃO MÉTRICA DE 40 ITENS DO PVQ EM DUAS DIMENSÕES NA BASE DE UMA MATRIZ DE DESENHO; N = 363 ESTUDANTES ALEMÃES



Fonte: Bilsky, Gollan e Döring (2008).

Universalismo (UN) = 1; benevolência (BE) = 2; conformidade (CO) = 3; tradição (TR) = 4; segurança (SE) = 5; poder (PO) = 6; realização (AC) = 7; hedonismo (HE) = 8; estimulação (ST) = 9; autodeterminação (SD) = 0.

Vê-se que, apesar da troca de posição entre os tipos poder (6) e realização (7), os itens correspondem muito bem à ordem dos valores no espaço bidimensional prognosticada por Schwartz. De fato, podem-se observar, ocasionalmente, permutações entre esses tipos de valores. Caso tais desvios apresentem-se regularmente, poderão indicar diferenças culturais ou temporais, fundamentadas em conotações diferentes dos respectivos valores. Assim, é concebível que a localização de “realização” ao lado de “segurança” em vez de “hedonismo” possa decorrer de diferenças ou mudanças socioeconômicas (recentes ou de longa data).

4.1.3 Comparação computadorizada entre pares de valores (CPCV)

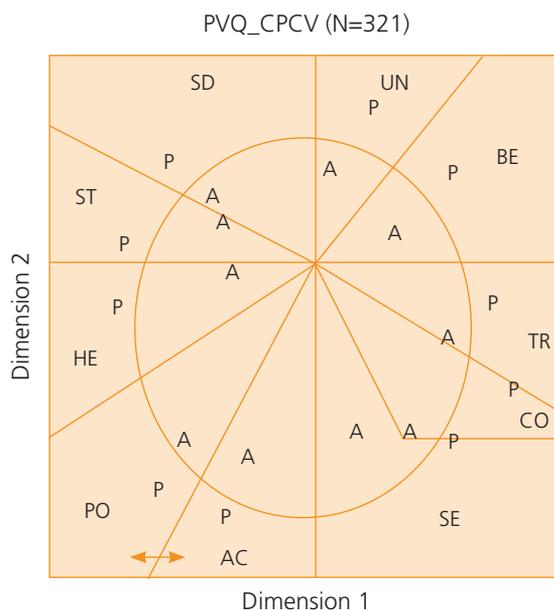
Anteriormente, esboçou-se que os valores são variáveis ordenadas pela importância relativa às demais. Para identificar a ordem de um número limitado de variáveis, pode-se aplicar, além da avaliação (*rating*) e do ordenamento (*ranking*), outro método muito efetivo: a comparação entre pares. Evidentemente, não se aplica esse procedimento aos itens individuais do SVS ou PVQ porque

o número de comparações resultaria grande demais. Contudo, no caso de tipos de valores, resultam somente 45 comparações diferentes que proporcionam um ordenamento de valores bem diferenciado.

Aplicou-se recentemente esse método em estudo *on-line* (BILSKY; BROCKE; GOLLAN, 2008). Para validar essa abordagem, denominada comparação computadorizada entre pares de valores (*computerised paired comparison of values* – CPCV), empregou-se no mesmo estudo também a versão regular do PVQ em uma amostra de estudantes alemães (N = 321). Calcularam-se as correlações entre todos os itens do CPCV e do PVQ para obter uma matriz multiatributo-multimétodo (*multi-trait-multi-method*, MTMM) e submeteu-se essa matriz a uma análise confirmatória EMD. Como se vê na Figura 4, obtiveram-se estruturas muito semelhantes para ambos os instrumentos, a despeito das diferenças com essa nova forma de levantamento de dados.

FIGURA 4

ANÁLISE DE ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL (EMD) NÃO MÉTRICA EM DUAS DIMENSÕES DE UMA MATRIZ MTMM, PVQ X CPCV; N = 321 ESTUDANTES ALEMÃES



Fonte: Bilsky, Brocke e Gollan (2008).

UN = universalismo; BN = benevolência; TR = tradição; CO = conformidade; SE = segurança; PO = poder; AC = realização; HE = hedonismo; ST = estimulação; SD = autodeterminação; ver Schwartz (1992, p. 14). PVQ = A; CPCV = P.

Em resumo, foi possível identificar a estrutura de valores pressuposta por Schwartz, independentemente do instrumento empregado, isto é, do SVS, do PVQ ou do CPCV.

4.2 ESTABILIDADE COM RESPEITO A ABORDAGENS TEORICAMENTE DIFERENTES

É importante que se possa verificar a estabilidade estrutural de valores por meio de diferentes métodos de mesma origem teórica, o que sugere a independência metodológica dos resultados obtidos. Além disso, com vistas ao alcance de uma teoria, é interessante saber até onde esta pode descrever e integrar resultados de origens teoricamente diferentes. As seguintes investigações relacionam-se com esse tema.

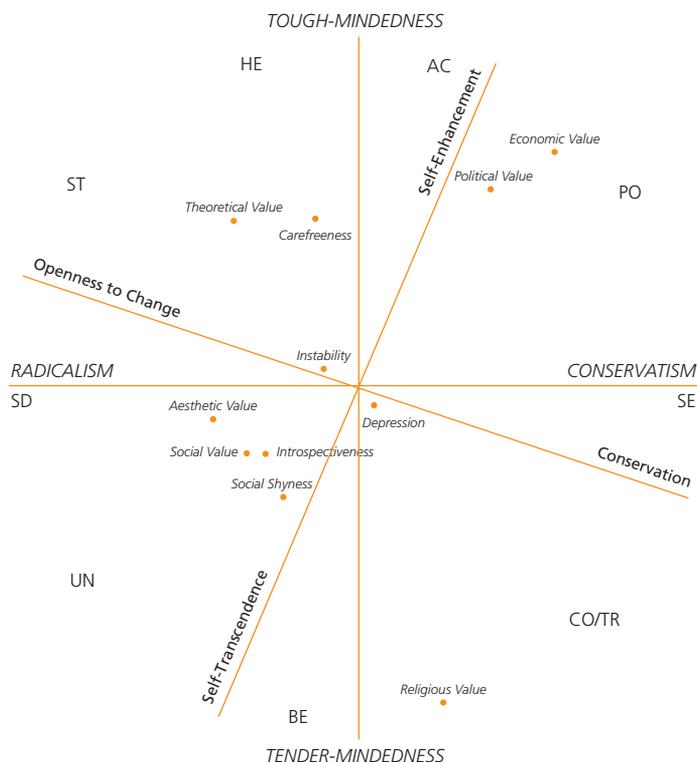
4.2.1 “Estudo de valores”

O “Estudo de valores” de Allport e Vernon (1931) foi o primeiro instrumento com base teórica para abranger as hierarquias individuais de valores. Apesar do conteúdo muito conservador e elitista dos itens, e, por isso, com campo de aplicação limitado, obteve notoriedade e utilização considerável. O que é de principal interesse nesse contexto é a similaridade entre os “tipos básicos ideais” de Spranger (1925) e os tipos de valores de Schwartz (1992). Assim, os valores políticos no “Estudo de valores” têm características comuns com “poder” como concebido por Schwartz; os valores sociais correspondem em conteúdo aos tipos benevolência e universalismo de Schwartz; os valores econômicos sugerem elementos comuns com realização, mas também com poder; os valores teóricos se assemelham à autodeterminação, e os religiosos à tradição; por fim, os valores estéticos mostram um paralelismo com universalismo (BILSKY; SCHWARTZ, 1994).

Ainda que não houvesse comparações empíricas entre ambos os instrumentos no passado, dispõe-se de uma comparação indireta. Em seu livro *The psychology of politics*, Eysenck (1954) cita uma pesquisa de George, na qual foram investigadas características individuais em conjunto com os valores operacionalizados por Allport e Vernon (1931). Essa análise foi realizada em relação às duas dimensões políticas “radicalismo versus conservadorismo” (*radicalism versus conservatism*) e “imposição versus bondade” (*tough-mindedness versus tender-mindedness*) de Eysenck (1954). Acrescentamos à configuração empírica apresentada por Eysenck a projeção dos 10 tipos de valores da teoria de Schwartz (BILSKY; SCHWARTZ, 1994). Como se vê na Figura 5, essa projeção confirma amplamente nossa comparação entre os tipos básicos ideais de Spranger (1925) e os tipos de valores concebidos por Schwartz (1992).

FIGURA 5

RELAÇÃO ENTRE OS “TIPOS BÁSICOS IDEAIS” DE SPRINGER E OS TIPOS DE VALORES DE SCHWARTZ



Fonte: Bilsky e Schwartz (1994).

UN = universalismo; BE = benevolência; TR = tradição; CO = conformidade; SE = segurança; PO = poder; AC = realização; HE = hedonismo; ST = estimulação; SD = autodeterminação.

4.2.2 “Caminhos da vida”

Os “Caminhos da vida” de Morris (1956) foram também bastante empregados na pesquisa de valores. Por esse motivo, parece interessante conhecer a sobreposição dessa abordagem com aquela de Schwartz (1992). Num estudo realizado no Canadá (N = 144; BILSKY; KOCH, 2002), pudemos investigar se é possível descrever dados levantados com os “Caminhos da vida”, numa amostra de estudantes de *marketing*, por meio das dimensões básicas de Schwartz. Nesse estudo, aplicamos uma versão breve desse instrumento, elaborado por Dempsey e Dukes (1966). O Quadro 2 reproduz a descrição dos caminhos conforme esses autores.

QUADRO 2

“CAMINHOS DA VIDA” DE MORRIS,
CONFORME DEMPSEY E DUKES (1966)

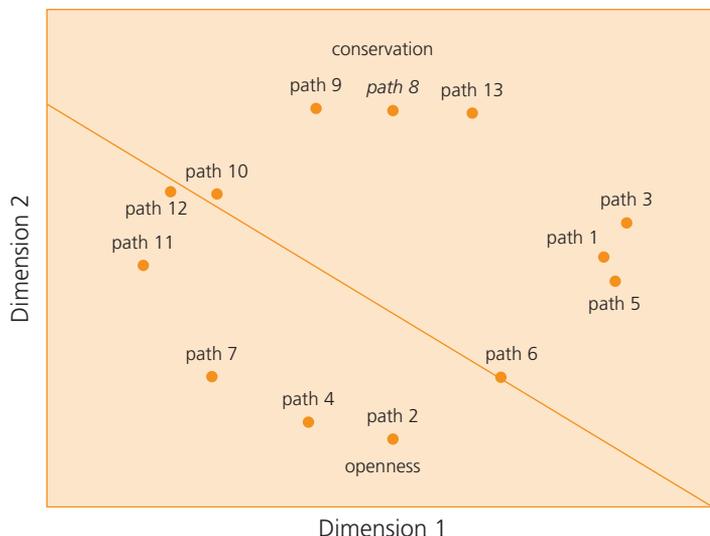
path 1	Appreciate and preserve the best man has attained
path 2	Cultivate independence and self-knowledge
path 3	Show sympathetic concern for others
path 4	Experience festivity and sensuous enjoyment
path 5	Act and enjoy life through group participation
path 6	Master threatening forces by constant practical work
path 7	Admit diversity and accept something from all ways of life
path 8	Enjoy the simple, easily obtainable pleasure
path 9	Wait in quiet receptivity for joy and peace
path 10	Control the self and hold firm to high ideals
path 11	Meditate on the inner life
path 12	Use the body's energy in daring and adventurous deeds
path 13	Let oneself be used by the great cosmic purpose

Fonte: Bilsky (2008a).

Com se vê na Figura 6, uma EMD não métrica em duas dimensões resultou numa configuração circular. Pode-se observar uma separação dos caminhos conforme a dimensão “abertura à mudança *versus* conservação” de Schwartz (1992). Assim, podem-se classificar os caminhos 2, 4, 7, 11 e 12 como “abertura”. Do mesmo modo, qualificam-se os caminhos 1, 9 e 10, respectivamente, como “conservação”, e – menos manifestos – os 6, 8 e 13 também. Essa interpretação implica que a abordagem de Morris (1956) representa somente uma das duas dimensões básicas de valores proposta por Schwartz (BILSKY, 2008a).

FIGURA 6

ANÁLISE DE ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL (EMD) NÃO MÉTRICA EM DUAS DIMENSÕES DOS “CAMINHOS DA VIDA”



Fonte: Bilsky (2008a).

4.2.3 “Perfil de cultura organizacional”

O terceiro exemplo de abordagem alternativa relacionada à teoria de Schwartz (1992) refere-se a um instrumento para estudar a adequação de valores indivíduo-organização, denominado “Perfil de cultura organizacional” (OCP: Organizational Culture Profile). O’Reilly III desenvolveu esse instrumento com seus colegas (cf. O’REILLY III; CHATMAN; CALDWELL, 1991). Segundo esses autores, o OCP

contém um conjunto de enunciados de valor que pode ser utilizado para mensurar, ideograficamente, não só até onde certos valores definem *uma organização-alvo* como também *a preferência de um indivíduo* por esta configuração de valores (O’REILLY III; CHATMAN; CALDWELL, 1991 apud BILSKY; JEHN, 2008, p. 226, grifo nosso).

O OCP requer que os respondentes classifiquem 54 itens segundo a metodologia Q.

A análise original de componentes principais dos dados recolhidos de uma amostra de estudantes de MBA e de contadores recém-formados (N = 395) resultou em oito fatores, tentativamente denominados inovação e tomada de risco (fator 1), atenção aos detalhes (fator 2), priorização de resultados (fator 3), agres-

ividade e competitividade (fator 4), apoio (fator 5), ênfase em crescimento e remuneração (fator 6), priorização do trabalho em equipe e colaboração (fator 7) e decisividade (fator 8).

Nosso estudo, entre outros, teve como objetivo investigar até que ponto os fatores (categorias) do OCP podem ser mapeados nas duas dimensões bipolares de Schwartz. Os dados analisados para testar essa questão foram gerados por um estudo *quasi*-experimental de 88 equipes de trabalho (BILSKY; JEHN, 2008). Foi feita uma EMD bidimensional, baseada nas intercorrelações das nove categorias (fatores) do OCP calculadas por Jehn, Chadwick e Thatcher (1997). Sua taxonomia de valores foi, basicamente, a mesma proposta por O’Reilly III, Chatman e Caldwell (1991), no entanto é necessário destacar uma diferença: “inovação” é representada, agora, por dois fatores complementares chamados “estabilidade” e “inovação”. A Figura 7 resume os resultados de nossa EMD. Como se vê, obteve-se uma solução facilmente interpretada com vistas às duas dimensões básicas de Schwartz. Assim, inovação (abertura à mudança) fica oposta à priorização de detalhes, estabilidade e determinação (conservação), enquanto priorização das equipes e apoio (autotranscendência) ficam opostos à agressividade, priorização dos resultados e recompensa (autopromoção).

FIGURA 7

ANÁLISE DE ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL (EMD) NÃO MÉTRICA EM DUAS DIMENSÕES DAS NOVE CATEGORIAS DO OCP



Fonte: Bilsky e Jehn (2008).

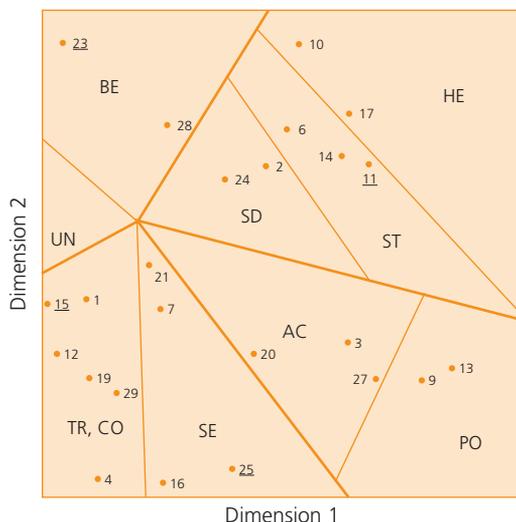
Esses são somente exemplos para a aplicabilidade da teoria de Schwartz a outras abordagens convergindo sobre os aspectos estruturais de valores. O mesmo acontece com as abordagens de Kilmann (1975) e McClelland (1991) (ver também BILSKY; KOCH, 2002; BILSKY, 2008a). Além disso, é possível mostrar que a teoria de Schwartz pode atuar como uma taxonomia geral para estruturar também os motivos humanos (BILSKY, 2006; BILSKY; SCHWARTZ, 2008).

4.3 ESTABILIDADE COM RESPEITO À IDADE DAS PESSOAS

A maioria dos estudos empíricos trata dos valores de adultos. Todavia, com relação ao nascimento e ao desenvolvimento de valores, são necessárias também investigações com adolescentes e crianças. Por esse motivo, realizamos um grande estudo (N = 1.555) com pré-adolescentes e adolescentes de 10 a 17 anos (BUBECK; BILSKY, 2004). Surpreendentemente, encontramos estruturas muito diferenciadas em todos os grupos etários. Já no grupo dos pré-adolescentes de 10 a 12 anos, manifestou-se uma estrutura muito clara, ainda que desviasse parcialmente da estrutura prognosticada (ver Figura 8). Pudemos confirmar esses resultados em várias investigações seguintes, analisando amostras comparáveis da Alemanha, do Chile e de Portugal (BILSKY et al., 2005).

FIGURA 8

ESTRUTURA DE VALORES HUMANOS (PVQ29); PRÉ-ADOLESCENTES DE 10 A 12 ANOS



Fonte: Bubeck e Bilsky (2004).

UN = universalismo; BE = benevolência; TR = tradição; CO = conformidade; SE = segurança; PO = poder; AC = realização; HE = hedonismo; ST = estimulação; SD = autodeterminação.

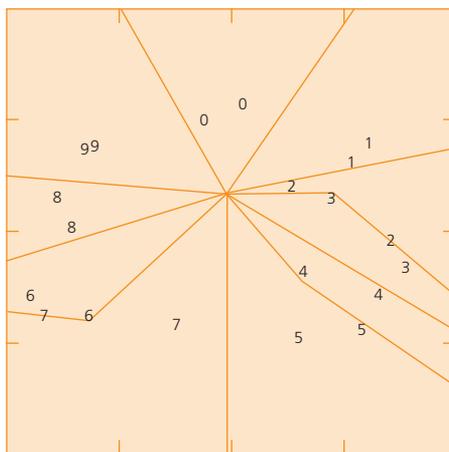
Em consequência, esses resultados implicam que são necessárias informações sobre o desenvolvimento dos valores nas crianças de idade abaixo de 12 anos. Até hoje não existiam instrumentos para medir valores nessa idade. Por isso, nos últimos tempos, concentramo-nos na construção e na validação de um instrumento baseado em desenhos em lugar de itens escritos para evitar problemas que resultam de uma insuficiente competência linguística (DÖRING, 2008). Na versão atual, cada desenho é acompanhado por um título conciso e muito breve (DÖRING et al., 2008). Os itens nesse instrumento cobrem o espectro de valores como definido por Schwartz (1992). No total, há 20 itens, sendo 2 para cada um dos 10 tipos de valores. A tarefa das crianças está em ordenar os 20 desenhos conforme a importância subjetiva de cada um, colando os itens, apresentados sob forma de autoadesivos, sobre um esquema que reúne as vantagens do ordenamento e da metodologia Q.

Acabamos de finalizar três estudos com esse instrumento, nos quais analisamos amostras de crianças com a idade de 6 a 12 anos. Em todos os grupos etários, pode-se identificar a estrutura básica, prognosticada pela teoria de Schwartz, isto é, autopromoção em oposição a autotranscendência e abertura à mudança em oposição a conservação. A Figura 9 mostra a EMD confirmatória e não métrica (BILSKY; GOLLAN; DÖRING, 2008) de uma amostra (N = 421) considerando-se respondentes na idade de 8 a 12 anos². Nesta EMD já se delinea a estrutura completa de valores como prognosticada por Schwartz. Em resumo, nossos estudos comprovam a validade da sua teoria sobre gerações, incluindo crianças abaixo de 10 anos.

2 Diferentemente da Figura 3, na Figura 9 a numeração dos valores “conformidade” e “tradição” corresponde ao modelo original de Schwartz (1992, p. 14).

FIGURA 9

ANÁLISE DE ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL (EMD)
CONFIRMATÓRIA E NÃO MÉTRICA DO PBVS-C EM DUAS
DIMENSÕES NA BASE DE UMA MATRIZ DE DESENHO; N = 421



Fonte: Dados da pesquisa.

Universalismo (UN) = 1; benevolência (BE) = 2; tradição (TR) = 3; conformidade (CO) = 4; segurança (SE) = 5; poder (PO) = 6; realização (AC) = 7; hedonismo (HE) = 8; estimulação (ST) = 9; autodeterminação (SD) = 0.

4.4 ESTABILIDADE COM RESPEITO ÀS CULTURAS

De fato, os mais rigorosos critérios para avaliar a validade e o alcance de uma teoria são os estudos representativos e interculturais. Em virtude da sua notoriedade e divulgação internacional, o PVQ 21 foi integrado ao *European Social Survey* (ESS)³, uma pesquisa representativa, bianual, tipo *survey*, realizada nos países europeus (SCHWARTZ, 2005). Dessa maneira, passa a existir – e cresce ao longo dos anos – uma base de dados a qual permite responder a uma grande variedade de perguntas sobre a estrutura e a mudança de valores humanos.

Nosso esforço de propor e estabelecer um procedimento padronizado sobre como efetuar análises estruturais de valores por meio da EMD (BILSKY; GOLLAN; DÖRING, 2008) tem nos levado recentemente a investigar a estabilidade das estruturas avaliativas tomando como base a primeira onda do ESS (ESS1). Para finalizar esta visão geral sobre as pesquisas relativas à estabilidade estrutural dos valores, apresentam-se na Tabela 1 os resultados de nossas análises confirmatórias EMD em 20 países europeus (JANIK, 2008; BILSKY, 2008b).

3 Disponível em: <<http://ess.nsd.uib.no/>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

TABELA I

ESTRUTURA DE VALORES HUMANOS (PVQ₂₁)

PAÍSES	REGIÕES DISTINTAS	SEQUÊNCIA DOS VALORES	ANOMALIAS
Áustria, Dinamarca, Espanha, França e Suíça	10	1,2,3,4,5,6,7,8,9,0	
Alemanha, Bélgica, Eslovênia, Finlândia, Grã-Bretanha, Irlanda, Israel, Noruega e Países Baixos	10	1,2,3/4,5,6,7,8,9,0	
Polônia	10	1/2,3/4,5,6,7,8,9,0	UN detrás de BE
Hungria	10	1/2,5,3/4,6,7,8,9,0	UN detrás de BE; SE + CO/TR invertidos
Portugal	10	1,2,5,3/4,6,7,8/9,0	SE + CO/TR invertidos; HE detrás de ST
Suécia	8	1,2,3,[4+5],6,7,8,9,0	CO + SE não separados
República Checa	8	[1+2],3/4,5,6,7,8/9,0	UN + BE não separados; HE detrás de ST
Grécia	8	1,2,5,3/4,6,7,[8+9],0	HE + ST não separados; HE10 entre PO+AC

Fonte: European Social Survey – ESS1 (ver BILSKY, 2008b).

Universalismo (UN) = 1; benevolência (BE) = 2; conformidade (CO) = 3; tradição (TR) = 4; segurança (SE) = 5; poder (PO) = 6; realização (AC) = 7; hedonismo (HE) = 8; estimulação (ST) = 9; autodeterminação (SD) = 0.

Somente três países – Grécia, Hungria e Portugal – apresentaram desvios maiores na sequência dos tipos de valores, o que requer apreciação mais aprofundada, considerando-se tanto fatores metodológicos como interculturais. Em todos os demais, comprova-se, de forma muito significativa, a estrutura de valores como prognosticada pela teoria de Schwartz.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo, abordamos a estabilidade estrutural de valores com referência à teoria de Schwartz (1992), contemplando-se o tema sob diferentes perspectivas

e ilustrando nossas proposições com uma variedade de investigações próprias. Demos particular atenção à concordância das estruturas. Pudemos observar que existe, em geral, uma estrutura muito estável de valores, o que é certo tanto com relação aos métodos aplicados como no que se refere às variáveis temáticas investigadas.

Como sempre, tais constatações respondem a muitas perguntas, mas deixam outras sem resposta – ou, mais além, levantam questões imprevistas. Assim, parece interessante comprovar se o uso de desenhos, como utilizado em nossas investigações com crianças, pode servir de alternativa para medir, de forma prática, as preferências e a estrutura de valores de pessoas menos instruídas e até analfabetas. Além disso, é preciso aclarar as anomalias estruturais encontradas em nossos estudos. Por exemplo, as trocas na localização de tipos de valores adjacentes como aquela entre “poder” e “realização” ou então o deslocamento de alguns tipos em certos países como Grécia, Hungria e Portugal. Em qualquer caso, é necessário eliminar causas de cunho metodológico (por exemplo, uma confiabilidade insuficiente ou uma amostra distorcida) e impactos temporais antes de atribuir as anomalias encontradas a características individuais, sociais ou culturais.

Por fim, aponta-se para outro problema que temos de considerar com mais atenção no futuro – a relação entre valores e motivos. Nossos estudos com jovens e crianças têm mostrado, de forma muito impressionante, que já existem estruturas valorativas em idade pouco avançada. De fato, foi na idade de 6 a 8 anos que encontramos estruturas muito diferenciadas. Contudo, nessa idade, a percepção do tempo, a antecipação de eventos e a orientação estável por alvos e objetivos distantes são pouco desenvolvidas. Consequentemente, é difícil – ou impossível – diferenciar com confiabilidade entre interesses passageiros, motivos e valores. Mesmo assim, esses problemas precisam de respostas válidas. Para resolvê-los, são necessários esforços comuns de várias disciplinas da psicologia, tais como a psicologia cognitiva, motivacional, social e, especialmente, a psicologia do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W.; VERNON, P. E. *A study of values*. Boston, MA: Houghton Mifflin, 1931.
- BILSKY, W. On the structure of motives: beyond the “Big Three”. In: BRAUN, M.; MOHLER, P. Ph. (Ed.). *Beyond the horizon of measurement*. Mannheim: Zuma, 2006. Disponível em: <http://www.social-science-geis.de/publikationen/Zeitschriften/ZUMA_Nachrichten_spezial/documents/znspezial10/09_Bilsky.pdf>.
- _____. Die Struktur der Werte und ihre Stabilität über Instrumente und Kulturen. In: WITTE, E. H. (Org.). *Sozialpsychologie der Werte*. Lengerich: Pabst, 2008a.

- _____. Value structure – on the use of weakly constrained confirmatory MDS. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR CROSS-CULTURAL PSYCHOLOGY, 19., 2008, Bremen, Germany, 2008b.
- BILSKY, W.; BROCKE, M.; GOLLAN, T. Online assessment of value preferences by paired comparisons. In: EUROPEAN CONFERENCE ON PERSONALITY, 14., Tartu, Estonia, 2008.
- BILSKY, W.; GOLLAN, T.; DÖRING, A. Análise confirmatória de escalonamento multidimensional (EMD) de valores baseada em uma matriz de desenho: uma nota de pesquisa. In: TEIXEIRA, M. L. M. (Org.). *Valores humanos e gestão: novas perspectivas*. São Paulo: Senac, 2008.
- BILSKY, W.; JEHN, K. A. Cultura organizacional e valores individuais: evidências de uma estrutura comum. In: TEIXEIRA, M. L. M. (Org.). *Valores humanos e gestão: novas perspectivas*. São Paulo: Senac, 2008.
- BILSKY, W.; KOCH, M. On the content and structure of values: universals or methodological artefacts? In: BLASIUS, J. et al. (Ed.). *Social science methodology in the New Millennium*. INTERNATIONAL CONFERENCE ON LOGIC AND METHODOLOGY, 5., Cologne. *Updated and extended Proceedings...* Cologne, Germany. Leverkusen: Leske + Budrich, 2002. Disponível em: <http://miami.uni-muenster.de/servlets/DerivateServlet/Derivate-1802/Bilsky_Koch.pdf>.
- BILSKY, W.; PETERS, M. Estructura de los valores y la religiosidad – una investigación comparada realizada en México. *Revista Mexicana de Psicología*, v. 16, p. 77-88, 1999.
- BILSKY, W.; SCHWARTZ, S. H. Values and personality. *European Journal of Personality*, v. 8, p. 163-181, 1994.
- _____. Measuring motivations – integrating content and methods. *Personality and Individual Differences*, v. 44, n. 8, p. 1738-1751, 2008.
- BILSKY, W. et al. Value structure at an early age: cross-cultural replications. In: BILSKY, W.; ELIZUR, D. (Ed.). *Facet theory: design, analysis and applications*. INTERNATIONAL FACET THEORY CONFERENCE IN ROME, 10., 2005, Rome. *Proceedings...* Prague: Agentura Action M., 2005. p. 241-248.
- BORG, I. et al. Explaining the structure of values of an ideal organization by Schwartz' universal value theory. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL SCIENCE METHODOLOGY, 6., 2004, Amsterdam, The Netherlands, 2004.
- BRAITHWAITE, V. A.; SCOTT, W. A. Values. In: ROBINSON, J. P.; SHAVER, P. R.; WRIGHTSMAN, L. S. (Ed.). *Measures of personality and social psychological attitudes*. San Diego: Academic Press, 1991. p. 661-753.
- BUBECK, M.; BILSKY, W. Value structure at an early age. *Swiss Journal of Psychology*, v. 63, p. 31-41, 2004.
- DEMPSEY, P.; DUKES, W. F. Judging complex value stimuli: an examination and revision of Morris's "Paths of Life". *Educational and Psychological Measurement*, v. 26, p. 871-882, 1966.
- DÖRING, A. K. *Assessment of children's values: the development of a picture-based instrument*. 2008. Thesis (PhD)–Westfälische Wilhelms-Universität, Münster, 2008.
- DÖRING, A. K. et al. *Assessing values at an early age: the Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*. 2008.
- EYSENCK, H. J. *The psychology of politics*. London: Routledge, 1954.
- HITLIN, S.; PILIAVIN, J. A. Values: reviving a dormant concept. *Annual Review of Sociology*, v. 30, p. 359-393, 2004.

- JANIK, M. *Prüfung des Wertemodells von Schwartz (1992) mittels konfirmatorischer Multidimensionaler Skalierung (MDS) auf der Grundlage des European Social Survey*. Wissenschaftliche Hausarbeit zur Diplom-Hauptprüfung. Münster: Westfälische Wilhelms-Universität, 2008.
- JEHN, K. A.; CHADWICK, C.; THATCHER, S. M. B. To agree or not to agree: the effects of value congruence, individual demographic dissimilarity, and conflict on workgroup outcome. *The International Journal of Conflict Management*, v. 8, p. 287-305, 1997.
- KILMANN, R. H. A scaled-projective measure of interpersonal values. *Journal of Personality Assessment*, v. 39, p. 34-40, 1975.
- KLAGES, H.; KMIĘCIAK, P. (Hrsg.). *Wertwandel und gesellschaftlicher Wandel*. Frankfurt: Campus, 1979.
- MCCLELLAND, D. C. *The personal value questionnaire*. Boston: McBer & Company, 1991.
- MORRIS, C. *Varieties of human nature*. Chicago: University of Chicago Press, 1956.
- MÜNSTERBERG, H. *Philosophie der Werte*. Johann Ambrosius Barth: Leipzig, 1908.
- _____. The opponents of eternal values. *Psychological Bulletin*, v. 6, p. 329-338, 1909.
- O'REILLY III, C. A.; CHATMAN, J.; CALDWELL, D. F. People and organizational culture: a profile comparison approach to assessing person-organization fit. *Academy of Management Journal*, v. 34, p. 487-516, 1991.
- ROHAN, M. J. A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, v. 4, p. 255-277, 2000.
- ROKEACH, M. *The nature of human values*. New York: The Free Press, 1973.
- SCHWARTZ, S. H. Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: ZANNA, M. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press, 1992. v. 25, p. 1-65.
- _____. *Human values*. 2005. Disponível em: <<http://essedunet.nsd.uib.no/opencms.war/opencms/ess/en/topics/1/>>.
- _____. A theory of cultural value orientations: explication and applications. *Comparative Sociology*, v. 5, n. 2-3, p. 137-182, 2006.
- SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 53, p. 550-562, 1987.
- _____. Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 58, p. 878-891, 1990.
- SCHWARTZ, S. H.; SAGIV, L. Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 26, p. 92-116, 1995.
- SCHWARTZ, S. H. et al. Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 32, p. 519-542, 2001.
- SELIGMAN, C.; OLSON, J. M.; ZANNA, M. P. (Ed.). *The psychology of values: the Ontario Symposium*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996. v. 8.
- SPRANGER, E. *Lebensformen* (5. Auflage). Halle, Saale: Niemeyer, 1925.
- URBAN, W. M. Recent tendencies in the psychological theory of values. *Psychological Bulletin*, v. 4, p. 65-72, 1907.